

O simbolismo do MST na marcha e na mística: espaço itinerante de formação humana

Cristine Lima Torres*

Resumo: Este artigo discute a mística e a marcha dos sem-terra vinculados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Consiste em um estudo sobre a formação humana no processo da luta pela terra, buscando construir estratégias educativas não-formais, tendo como base a oralidade, que re-significam os saberes populares. Buscou-se acompanhar o trajeto das marchas do MST da Bahia, registrar a dinâmica das místicas e das marchas, analisando as possibilidades de formação durante o processo. Utilizou-se como metodologia de trabalho a pesquisa histórica e imagética e como instrumentos as entrevistas com militantes e filmagem da dinâmica organizativa que caracteriza a temática abordada. Conclui-se que processos educativos como esses são fundamentais e viabilizam a invenção de novas formas de sociabilidade, sendo a solidariedade, a valorização pela vida, formas sociais que constituem um exercício de educação para a consciência crítica e emancipatória.

Palavras-chave: Mística; marcha; religiosidade; educação emancipatória.



* **CRISTINE LIMA TORRES** é Mestra Educação pela Universidade Federal da Bahia e Professora da Escola Estadual Professor Aristides de Souza Oliveira.



Foto da autora

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) se origina da união de diferentes movimentos isolados descontentes e de oposição ao modelo de reforma agrária imposto pelo regime militar. Contrariamente a este modelo que priorizava a colonização de terras devolutas em regiões remotas, objetivando a exportação de excedentes populacionais e integração estratégica, o MST buscou lutar pela redistribuição das terras improdutivas.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é a principal organização social que luta pela terra desde a década de 1980, e que adotou a estratégia de ocupar latifúndios como forma de pressionar o governo a colocar em pauta a reforma agrária no Brasil. O MST se envolve numa série de lutas que são indissociáveis na conquista pelos direitos fundamentais para qualquer cidadão, a educação é uma delas.

[...] as práticas educativas escolares e não-escolares sempre estiveram presentes, porém, ao longo do processo, o MST foi acumulando novas experiências e demandas, e assim sofreu modificações, quantitativa e qualitativamente. De início como educação popular na organização dos grupos de sem-terra, e posteriormente nos acampamentos e assentamentos em formas diversas, nas assembléias, nas reuniões gerais, nas audiências com autoridades, nas inúmeras maneiras de organização e lutas sociais desenvolvidas. Num segundo momento o MST buscou o acesso à educação escolar como instrumento para contribuir na qualificação da luta pela terra e pelo projeto histórico socialista. (ARAUJO, 2007, p. 302).

No decorrer das primeiras ocupações, os sem-terra constataram que a educação deveria ser também uma prioridade.

Seria fundamental dominar o conhecimento socialmente produzido para que pudessem se relacionar com as instituições que concretizariam as legalizações da terra e financiamentos para a construção do assentamento. Nessa perspectiva, a educação tornou-se uma meta do Movimento, inseparável das ações de luta pela terra. Stédile deixa bem claro ao afirmar que:

Apenas a luta pela terra não transforma o sujeito em cidadão, se nós também não tivermos acesso à educação. É por isso que nós do movimento Sem Terra compreendemos que existe um casamento necessário entre a conquista da terra e a conquista da educação. (STEDILLE apud Caldart, 1997, p.25).

O direito a educação formal de qualidade e dentro dos assentamentos foi motivo de intensa luta que os sem-terra travaram no início do Movimento e travam até hoje juntos às secretarias de educação e às prefeituras. Uma educação que seja configurada por eles e para eles, forjada em movimento com a base social que o compõe, através de debates, erros e acertos, com o intuito de disseminar a discussão sobre a importância da luta pela terra e da reforma agrária, bem como a construção de uma sociedade mais justa que atenda as necessidades dos cidadãos.

A relação do MST com a educação é, pois, uma relação de origem: a história do MST é a história de uma grande obra educativa. [...] Se recuperarmos a concepção de educação como formação humana é a sua prática que encontramos no MST desde que foi criado: a transformação dos 'desgarrados da terra' e dos 'pobres de tudo' em cidadãos dispostos a lutar por um lugar digno na história. É a educação que podemos ver em cada uma das ações que constituem o

cotidiano de formação da identidade dos sem-terra do MST. (CALDART, 2001a, p. 20).

O processo é lento, construído passo a passo, não há linearidade, mas a essência das práticas pedagógicas e do conteúdo básico estabelecido, que privilegia as questões significativas para o MST, sempre estará presente em cada espaço de formação. Seja a escola formal, os cursos não-formais, ou até mesmo a formação oral, todos preencherão os espaços do Movimento.

A Marcha dos Sem Terra

Esse artigo resultou de análise dos registros imagético e publicações do MST coletados durante os quatro anos (2001 a 2005) em que acompanhamos o MST em marchas, encontros, ocupações e mobilizações com o intuito de compreender a lógica de atuação e o processo de formação ocorrido nas práticas educativas não-formais que perpassam toda a dinâmica organizativa do Movimento, destacando nesse artigo o simbolismo inerente a mística e marcha.

Ao iniciar a organização do trabalho, diante do grande acervo imagético e documental, optamos pela pesquisa com o foco na Marcha Nacional pela Reforma Agrária, por ter sido uma mobilização mais longa, mais organizada, que envolveu os sem terra de todo o Brasil, além de outros movimentos sociais, instituições parceiras e grupos de intelectuais que apóiam os movimentos sociais.

Na gênese do MST, a marcha se fez presente como uma forma de mobilização para chamar a atenção do Estado e da sociedade sobre a necessidade de reforma agrária no Brasil. Anualmente, o MST organiza os trabalhadores rurais sem terra acampados e assentados, e unido a

outros movimentos que lutam pela terra, realiza uma marcha. Esta varia em percurso e duração, dependendo das resoluções internas estaduais, e culmina em datas significativas, nacional e internacionalmente, no dia sete de setembro, no Grito dos Excluídos, ou no dia dezessete de abril, Dia Internacional da Luta Camponesa. A Marcha objetiva, principalmente, chamar atenção da sociedade para a questão agrária no país.

Essa forma de mobilização é histórica no MST, desde a época em que eram trabalhadores sem terra vinculados a movimentos isolados. Para Betão, coordenador do MST- Bahia:

A marcha está no campo histórico, a marcha faz parte do processo de luta do movimento. Desde o início da organização que as ocupações de terra e as marchas estão juntos, são formas de luta. A ocupação é forma de luta, a marcha é forma de luta, é forma de pressionar o governo e mostrar para a sociedade que estamos organizados, pra mostrar para a sociedade que o movimento sem terra tem uma proposta, é uma forma de divulgar o movimento e mostrar para a sociedade que o movimento não é aquilo que a mídia mostra. Desde o início do movimento a gente trabalha essas marchas, essas caminhadas, já faz parte do cotidiano do movimento e em determinado momento se faz a marcha com objetivos até diferenciados, de acordo o momento. É o momento político que determina as ações. (BETÃO, 2004)

A marcha, além de buscar visibilidade para o MST, também vem acompanhada de outras ações, a depender dos interesses coletivos dos sem-terra. Segundo Betão:

A marcha incorpora outras questões, temos problemas a

resolver sobre desapropriação de áreas, vistoria de áreas e crédito. Aproveita nesse momento e desencadeia um processo de negociação com o governo do estado, como INCRA e com os órgãos responsáveis pela reforma agrária, então aproveita um momento de uma marcha dessa e faz negociações (BETÃO, 2004).

Na história da humanidade, as marchas se fizeram presentes em diferentes períodos e culturas, como forma de mobilização social, com intenções das mais diversas. Segundo Chaves:

“A grande marcha do sal” organizada por Gandhi, em uma cruzada pacífica pela libertação da Índia; “a grande marcha”, de caráter militar, organizada por Mao Tse-tung, na China; a marcha promovida por Martin Luther King, a favor dos direitos civis da população negra americana; a “Coluna Prestes”, empreendida pelos tenentistas brasileiros no início do século são uns poucos exemplos da diversidade de que se reveste a manifestação coletiva. (CHAVES, 2000, p.19)

Considerando a aproximação do MST com grupos religiosos e em particular a igreja católica, a marcha e a mística são elementos simbólicos que migram da igreja católica para o MST. Por que os Sem Terra marcham? Por que se submetem a essa trajetória tão dura de caminhar por dias seguidos, suportando sol e frio e todos os incômodos dessa longa estrada?

Quando marchamos, levamos em nossos passos os sonhos daqueles que nos acompanham, e de milhares de outros seres humanos que ficaram esperando por nossa volta... Por isso quem for para a marcha estará lutando por si, pela família de todos os Sem Terra, mas também pelas futuras gerações que

nascem e precisarão de terra para trabalhar. (MST, 2005b, p. 59).

A marcha é uma mobilização que tem elementos simbólicos presentes na fé dos trabalhadores rurais sem terra, não é simplesmente um ato puro de marchar, percorrer uma distância e visibilizar a causa para a sociedade; ela tem uma significação maior para os sem-terra:

“A marcha sempre foi um ato heróico na história da humanidade. Sempre que os povos se sentiram ameaçados ou tiveram problemas a resolver, saíram de seus locais de origem e foram em busca de soluções, usando o próprio corpo como instrumento de luta”. (MST, 2005, p. 59).

A marcha dos sem-terra é tratada como uma analogia ao êxodo do povo hebreu na busca da terra prometida. Ao se reportar a marcha, em entrevista concedida a Bernardo Mançano, no livro *Brava Gente*, Stédile explica essa questão simbólica para o movimento:

No caso da luta pela terra, o livro *Êxodo* era uma referência para que os trabalhadores compreendessem melhor a sua história. Nas comunidades durante os estudos bíblicos era feita uma analogia entre o êxodo do povo hebreu e o êxodo do sem-terra sofrido pelos trabalhadores rurais. Esse processo pedagógico enriquecia as novas formas de organização que emergiam. Estava em movimento a fermentação da caminhada à terra prometida. (STEDILLE: MANÇANO, 1999, p. 74)

Para os sem-terra, ligados ao MST, a terra prometida não está mais no eterno, é aqui e é motivo de luta política, fruto da ação consciente e organizada. Não será o poder estabelecido pelo Estado que dará direitos aos cidadãos. São eles, cidadãos, que precisam conquistá-los, colocando a estrutura do Estado a

serviço das verdadeiras aspirações do povo.

A religiosidade sempre esteve presente desde o início da formação do MST. Segundo Silva (2004), tanto os setores progressistas da igreja Católica, quanto a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil tiveram uma participação fundamental na articulação e politização dos conflitos por posse de terra. A Teologia da Libertação surgiu como um novo paradigma fundamentando a atuação da igreja Católica na década de 1960. Após o Concílio Vaticano II e a II e III Conferências do Episcopado Latino-Americano, ela passa a se identificar com as camadas subalternas, redimensionando a evangelização e passando a considerar como fundamental “o conhecimento e a valorização da cultura popular” (p.43). Dessa forma, parcela da igreja rompe com o sistema capitalista, raiz de exclusões, atuando na articulação dos movimentos de luta pela terra, levando a reflexão ao trabalhador rural sobre o processo de opressão a que eram submetidos, desenvolvendo “o conceito de autonomia e libertação a partir de leituras bíblicas e da análise da problemática social, na qual os integrantes estavam inseridos”. (p.43)

O outro elemento importante que migra da igreja católica é a mística. Segundo Boff:

Originalmente a palavra mistério (mysterion, em grego, provém de múein, que quer dizer perceber o caráter escondido, não comunicado, de uma realidade ou de uma intenção) não possui um conteúdo teórico, mas está ligada à experiência religiosa, nos ritos de iniciação. A pessoa é levada a experimentar, por meio de celebrações, cânticos, danças, dramatizações e realização de

gestos rituais, uma revelação ou uma iluminação conservada por um grupo determinado, e fechada. Importa enfatizar o fato de que mistério está ligado a essa vivência/experiência globalizante. (BOFF, 1999, p.12).

A mística é uma forte presença dos resquícios dessa formação inicial que foi incorporada ao movimento e transformada em um ritual ecumênico, cultural, político e ideológico.

A mística faz parte do cotidiano do MST. Está presente em todos os atos, mobilizações, encontros, assembléias, enfim, em todas as reuniões do MST. É uma forte marca no Movimento, pois alimenta os Sem Terra de esperança, é onde eles se vêem retratados, se identificam, pois ela é uma síntese das histórias de luta que os trabalhadores rurais vivenciam, e uma utopia por dias melhores com a terra conquistada. Através dessa celebração, os valores são cultivados e transmitidos, a interpretação da realidade social é apresentada, a identidade coletiva reforçada, fortalecendo as convicções dos militantes.

Ela é a força, a energia cotidiana que tem animado a família Sem Terra a continuar na luta, ajudando cada pessoa a enxergar e a manter a utopia coletiva. A mística é aquele sentimento materializado em símbolos, que nos faz sentir que não estamos sozinhos e são os laços que nos unem a outros lutadores que nos dão mais força para prosseguir na construção de um projeto coletivo (CALDART, 2001, p.29)

A mística apresenta-se em duas dimensões: a prática de um ritual presente em todas as reuniões e uma energia intrínseca ao militante que o conduz, direcionando-o, dando força para enfrentar a labuta cotidiana da luta:

o trabalho nos setores, a formação cotidiana daqueles que são novatos, as viagens para eventos e reuniões, as mobilizações, o “trabalho de beija-flor” indo de casa em casa para organizar coletivamente o local de moradia. Por isso a sua dimensão educativa é fundamental para que o movimento continue se expandindo. Segundo Boff, para os antigos militantes a mística:

Mística significa, então, o conjunto de convicções profundas, as visões grandiosas e as paixões fortes que mobilizam pessoas e movimentos na vontade de mudanças, inspiram práticas capazes de afrontar quaisquer dificuldades ou sustentam a esperança face aos fracassos históricos. (BOFF, 1999, p.24)

Para Leonardo Boff (2004) a mística político-social está vinculada a uma utopia “capacidade de projetar, a partir das potencialidades do real, novos sonhos, modelos alternativos e projetos diferentes de história [...] desfatalizam a história, não reconhecem como ditado da história a situação injusta imposta e mantida pelas forças opressoras” (p.24)

Para Freire (1987) o fatalismo presente no oprimido “é fruto de uma situação histórica e sociológica e não um traço essencial na forma de ser do povo”. (p.49). Assim a importância da ala progressista da igreja na conscientização política e ideológica dos camponeses no sentido de compreenderem a importância da organização para o processo de luta.

Considerações finais

A marcha, como espaço itinerante de formação humana, evidencia a organicidade do MST e os valores que busca cultivar. Ao participar do MST, os sem-terra envolvem-se numa estrutura organizativa complexa e inicia um processo de uma maior clareza político-

ideológica, o que contribui para estabelecer uma mudança nas relações sociais com os companheiros de luta.

A formação humana proporcionada pela participação na Marcha faz com que os sem-terra internalizem os princípios e valores do movimento caracterizando-se como um processo contínuo que, ao buscar interagir e compreender a realidade social, procura desvelar as raízes por onde está fincada a sociedade.

O simbolismo presente na mística busca aproximar os sem-terra dos princípios culturais e políticos do MST, sendo, portanto, um importante elemento de coesão que apresenta todos os princípios valorativos do MST através dos cânticos, das encenações; trazendo a força utópica dos sem-terra para continuar na luta. Sendo assim, a mística se caracteriza como uma prática educativa não-formal para alcançar aprendizagens significativas que contribuem para a formação humana em/no Movimento.

Para Freire (1987), no ato educativo dialógico é preciso que se conheça como se constitui o pensar e a linguagem do povo, e a partir dessa constatação, selecionar os conteúdos da aprendizagem. Os sem-terra, ao “pensar a mística”¹, trazem elementos do seu cotidiano, a labuta diária na terra, o enfrentamento à exclusão e a utopia de uma sociedade mais justa e igualitária, apresentando conteúdos simbólicos de fácil acesso e, possibilitando com isso, que os companheiros apreendam a realidade, conscientizando-se da necessidade e possibilidade de mudanças para uma vida melhor. Para Paulo Freire (1987), ao se instalar no ser

humano, a percepção crítica “se desenvolve num clima de esperança e confiança que leva os homens a empenharem-se na superação das “situações-limites” (p.91).

A mística é uma vivência coletiva fundamental para o Movimento, pois possibilita a formação política e ideológica, conforma-se como um esteio por onde os sem-terra compreendem a sociedade capitalista e os seus mecanismos de exclusão por meio de elementos simbólicos acessíveis e apreendidos conforme o grau de entendimento de cada pessoa que a vivencia.

Ao caminhar, os marchantes, vistos ao longe, não se distinguem suas individualidades. Enfileirados, com seus bonés ou chapéus de palha, vestindo camisa vermelha, com um radinho de pilha e uma mochila preta nas costas, eram doze mil pessoas, jovens e adultos, de diversas regiões do país, que se aglutinavam numa só intencionalidade: mostrar que são brasileiros e herdeiros² dessa nação, e que estão dispostos a lutar por condições melhores de vida, pela dignidade conquistada pelo trabalho na terra.

O MST nos traz elementos inovadores para o sistema educacional brasileiro, apontando a importância da práxis cotidiana, da interação mundo-educação como ferramenta de apropriação dos conteúdos significativos para a vida escolar. A concepção de educação, a prática pedagógica, a importância da cultura popular para o saber escolar, precisam ser revistas. Faz-se necessário apropriar-se do mundo que nos rodeia, da história forjada no cotidiano como um conteúdo fundamental para compreender a história humanidade

¹ Pensar a mística é um termo usado pelos sem-terra quando têm a responsabilidade de elaborar e organizar uma mística a ser apresentada/vivenciada.

² Alusão à música de Cabacinha – militante de MST

O simbolismo presente em todas as ações, Atos e tarefas compartilhadas durante o percurso da marcha, marcaram de forma significativa cada participante. E, a depender do seu envolvimento com a construção diária dessa grande escola itinerante, puderam assimilar lições que nunca serão esquecidas e que ainda serão desdobradas em ações nos seus acampamentos e assentamentos. É a vida latejando e sendo construída a cada passo, é uma nova abordagem cultural que valoriza o enfrentamento às condições subumanas impostas pelo capitalismo e que de fato lança um outro olhar, novas formas de atuar criticamente a fim de que se construa uma nova perspectiva de vida cultivando valores e ideais que confluem na invenção de novas formas de sociabilidade que constituem um exercício de educação para a consciência crítica e emancipatória.

Referências

- ARAÚJO, Maria Nalva Rodrigues de. **As Contradições e as Possibilidades de Construção de uma Educação Emancipatória no Contexto da Luta pela Terra**. 2007. 333. Tese(Doutorado em educação)- Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia.
- BOFF, Leonardo, Beto, Frei. **Mística e Espiritualidade**. Rio de Janeiro, Rocco, 1999.
- CALDART, Roseli. **Educação em Movimento**. Formação de Educadores e Educadoras no MST. Petrópolis, Ed. Vozes, 1997.
- _____. **O MST e a formação dos sem terra**: o movimento social como princípio educativo. Estudos Avançados vol.15 no.43 São Paulo Sept./Dec. 2001a.
- _____. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**: acompanhamento à escola. Boletim de Educação nº 8 , São Paulo. Editora Peres. 2001b.
- CHAVES, Christine Alencar. **A Marcha Nacional dos Sem-Terra**: Um Estudo sobre a Fabricação do Social. Rio de Janeiro: Relume-Dumará UFRJ, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- MST. **O Funcionamento das Brigadas**. Max Print editora, São Paulo. 2005a.
- _____. **Marcha Nacional pela Reforma Agrária**. Max Print editora, São Paulo. 2005b.
- SILVA, Emerson Neves. **Formação e Ideário do MST**. Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2004.
- STEDILLE, João Pedro; MANÇANO, Bernardo Fernandes. **Brava Gente: A Trajetória do MST e a Luta pela Terra no Brasil**. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 1999.
- MILITANTE ENTREVISTADO
- Betão – Marcha Valença – Salvador, 2004.